

VIOLENCIA, CRIMINALIDADE E UTOPIA

José Antonio Paganella Boschi

Inspirando-se na “República” de Platão, THOMAS MORE, jurista e chanceler de Henrique VIII, público em 1516 discorrendo sobre a vida social e política na imaginária ilha UTOPIA, palavra que, em grego, significa “lugar nenhum” e que surge ideário a ser alcançado. Tendo a Europa como referência e antecipando-se a LOCKE e a outros pensadores, MORE dizia que na ilha Utopia o dever do governante era de *“cuidar mais do bem estar do seu povo que de si mesmo”*.

A Inglaterra, a essa época, por causa do encerramento das terras comunais, defrontava-se com altos níveis de criminalidade e violência, fazendo com que, no dizer de Voltaire Shilling, “os serviços do carrasco fossem chamados para pendurar uns vinte condenados por dia nos toscos cadafalsos de beira de estrada”. MORE era contrário a pena de morte para coibir os crimes, porque, como antídoto, recomendava a elaboração de políticas capazes de ***impedir a prosperidade da atividade criminal, para que o Estado não precisasse ter que puni-la posteriormente.***

A obra de MORE continua atual e é valiosa ao estudo fenomenológico da violência/criminalidade em nosso país, porque lembra-nos que é só com o enfrentamento e solução dos nossos problemas sociais que conseguiremos **fechar a fábrica que produz violência e crimes e assim estancar a fonte da própria atividade criminosa.**

É evidente que não estamos propondo a extinção das penas privativas de liberdade, a ser reservada aos casos graves, mas unicamente lembrando que essa opção de resolver tudo **com a pena de prisão** nos levará a lugar algum, salvo ao maior agravamento do quadro, por inchar as penitenciárias ainda mais, cuja população saltou de 150 mil, em 1990, para quase 400 mil em 2006. Só para zerar o **déficit mensal** de 3500 vagas, teríamos que construir 7 cadeias todos os meses, ao custo de 15 milhões de reais cada uma!

Então, o que precisamos é de boas políticas sociais, que priorizam as crianças, que valorizem e eduquem os jovens, que destaquem a preocupação com a saúde, a habitação o emprego e o salário da população. Essas políticas, associadas à melhor organização das polícias civil e militar, ao planejamento estratégico, à inteligência, ao preenchimento dos claros em seus quadros, enfim, à melhoria das condições de trabalho de policiais, agentes penitenciários, etc., serão as que otimizarão os serviços públicos em segurança e ensinarão as condições ideais para que todos nós possamos acreditar que, realmente, podemos ganhar essa guerra.

É certo que Estados e Municípios vivem em situação de penúria, dependendo da ajuda da União Federal. Mas um debate nacional sobre esse problema, que é revelador da fantástica

deformação do modelo federativo brasileiro, em ofensa às normas constitucionais em vigor, também não pode mais ser retardado.

Enfim, como adverte João Almino, a Utopia de MORE pode não ser um tratado prescritivo, eis que não sugere receitas prontas, mas ela sem dúvida continua revelando-se como enorme potencial crítico à ação dos novos governantes, e como tal deve ser lembrada, especialmente agora, se estiverem mesmo decididos a ajudar a reduzir a ansiedade, a insegurança e o medo.